
**PROPÓSITOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA É RECREAÇÃO, MAS NÃO SÓ**

**PEDAGOGICAL PURPOSES OF THE PHYSICAL EDUCATION IN THE INITIAL YEARS OF THE
FUNDAMENTAL TEACHING: CLASS OF PHYSICAL EDUCATION IS RECREATION, BUT NOT
ONLY**

Autores: SMOUTER, L¹; OLIVEIRA, A.A.²

Instituições/Formação dos autores: 1 Graduado em Licenciatura em Educação Física. Mestrando em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); 2 Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Assistente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

Resumo: Este estudo é um relato de experiência sistematizado construído a partir trabalho com o conteúdo de jogos e brincadeiras na disciplina de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental. Embora o conteúdo apresente propriedades recreativas, a ação do profissional de Educação Física neste âmbito não se resume em um promotor de atividades recreativas, o que nos leva a pensar sobre os propósitos docentes com estas atividades. O objetivo do estudo foi discutir os diferenciais entre aula de Educação Física e vivências recreativas, fundamentando-se nos propósitos pedagógicos das atividades desenvolvidas pelo profissional de Educação Física nos anos iniciais da educação básica. Para tanto, utilizou-se de um recorte da intervenção pedagógica realizada no estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física. Revelou-se a ampliação global no desenvolvimento dos alunos, da qual destacou-se o sazonalidade de propriedades da psicomotricidade. Concluiu-se que está no propósito pedagógico das atividades à base de jogos e brincadeiras um dos diferenciais entre aula de Educação Física e vivência de atividades recreativas neste âmbito.

Palavras-Chave: Jogos e Brincadeiras. Recreação. Objetivo. Educação Física. Estágio Supervisionado

Abstract: This study is a report of systematized experience. It was built from work with the content of games and jokes in the discipline of Physical Education in the initial years of the fundamental teaching. Although the content presents recreative properties, the professional's action of the Physical Education in this scope does not summarize in a promoter of recreative activities, what carries us to think about the educational purposes with these activities. The study goal was to argue the differentials between class of Physical Education and recreative experiences, basing itself in the pedagogical purposes of the activities developed by the professional of Physical Education in the initial years of the basic education. For so much, it used of a cutting of the pedagogical intervention fulfilled in the apprenticeship supervised of the course of Graduation in Physical Education. It revealed the enlargement in the students' development, of which stood out the psychomotricity properties ripeness. It concludes that it is in the pedagogical purpose of the activities to the base of games and jokes one of the differentials between class of Physical Education and experiences of recreative activities in this scope.

Keywords: Games and Jokes. Recreation. Objective. Physical Education. Supervised Internship.

Introdução

A Educação Física é um componente curricular obrigatório do nível da educação básica brasileira, no que tange à etapa de ensino dos anos iniciais do ensino fundamental, o jogo, o brinquedo e a brincadeira é um de seus conteúdos estruturantes (BRASIL, 2013; IRATI, 2009). Esse conteúdo apresenta propriedades recreativas, porém essa não é a definição do respectivo conteúdo no contexto da Educação Física.

Além disso, ao abordar a Educação Física nos anos iniciais, considera-se o respeito para com o aluno no sentido de admiti-lo ser criança, pois está na essência do aluno desta faixa etária o brincar, e priva-lo dessa prática seria priva-lo de ser criança (CORDAZZO; VIEIRA, 2008; STAVISKI; SURDI; KUNZ, 2013). Nesse sentido, a Educação Física adapta-se à essência do aluno utilizando-se do jogo, do brinquedo e da brincadeira com propriedades recreativas como estratégia metodológica em prol da aprendizagem satisfatória (BARBOSA, 1997; KISHIMOTO, 1997, 2008a, 2008b).

O jogo, o brinquedo e a brincadeira materializam-se em atividades pelas quais possibilita-se à criança a percepção do mundo, uma vez que, são atividades constituídas de movimentos, os quais são

reproduzidos pela criança a partir do imaginário despertado durante o envolvimento nestas ações (KISHIMOTO; SANTOS; BASÍLIO, 2007). Entretanto, se o jogo, o brinquedo e a brincadeira forem apenas executados(as), tornam-se meramente vivências de atividades recreativas. Desse modo, compete ao profissional de Educação Física compreender a necessidade de estabelecer objetivos pedagógicos às ações planejadas com este conteúdo.

Nessa linha de estudo, dar-se-á destaque para a importância do profissional de Educação Física atuar como docente nas aulas de Educação Física ministradas para os anos iniciais, fato que não se evidenciou por completo nos estabelecimentos de ensino municipais da região onde se desenvolveu este trabalho. Logo, esta eminência amplia as possibilidades de descaracterização das aulas de Educação Física, tornando-as dignas de interpretações pura e simplesmente *recreacionistas* (FARIA, 2014).

Ao abordar a importância do profissional de Educação Física atuando nos anos iniciais do ensino fundamental, destaca-se que, somente a presença dele neste âmbito não minimiza possibilidades de descaracterização das aulas. Isso acontece por quê se o profissional de Educação Física meramente deixar “rolar a bola”, sua aula não vai se diferenciar de momentos recreativos, sendo que a aula de Educação Física não deve se aviltar a reproduzir os seus conteúdos como socialmente são reproduzidos (fora da escola), ou então, como em tempos livres (recreio), a aula tem objetivos pedagógicos à serem atingidos (FARIA, 2014).

Essas são premissas norteadoras para a discussão de elementos que caracterizam os diferenciais entre aula de Educação Física com o conteúdo de jogo, brinquedo e brincadeira e vivência de atividades recreativas. Assim, o objetivo do presente estudo foi discutir os diferenciais entre aula de Educação Física e vivências recreativas a partir dos propósitos pedagógicos das atividades desenvolvidas pelo profissional de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental.

Metodologia

Para isso, utilizou-se de um recorte da proposta de intervenção pedagógica, cujo desenvolvimento ocorreu no ano de 2015 durante o estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *campus* de Irati, região centro sul do Estado do Paraná.

Foi lócus da intervenção pedagógica uma turma de terceiro ano do ensino fundamental anos iniciais, constituída por 16 alunos com idades entre 8 e 10 anos. Foram ministradas três aulas com duração de cinquenta minutos, totalizando 150 minutos de intervenção, as quais foram inspiradas no conteúdo de jogos e brincadeiras e distribuídas por um período de três semanas (uma aula por semana). A intervenção sobreveio numa escola com dependência administrativa municipal.

Organizou-se uma sistematização das três intervenções visando articular de forma satisfatória o conteúdo discorrido. Para tanto, elaborou-se dois quadros que caracterizam a metodologia utilizada durante as aulas, as atividades que integraram a metodologia e o desenvolvimento procedimental adotado em cada uma das atividade.

Resultados

O quadro I exemplifica a organização geral das intervenções/aulas, bem como os seus respectivos objetivos. Já o quadro II exemplifica o desenvolvimento das atividades e sintetiza as ações pedagógicas exigidas dos alunos para a concretização de cada uma das atividades.

Quadro I – Organização das intervenções/aulas.

Aula	Conteúdo	Objetivo	Atividades
1ª	Jogos e Brincadeiras.	Ampliar noções de escrita e de numerais de forma interdisciplinar.	1ª matematizando. 2ª quem escreve mais. 3ª este é par. 4ª contextualização.
2ª	Jogos e Brincadeiras.	Ampliar noções de lateralidade e de equilíbrio.	1ª quadrado e X. 2ª passeio maluco. 3ª o resgate. 4ª contextualização.
3ª	Jogos e Brincadeiras.	Aprimorar elementos do esquema corporal.	1ª jogo das cores. 2ª batata quente. 3ª comando de valer. 4ª contextualização.

Fonte: elaboração própria.

Quadro II – Organização pedagógica das estratégias/atividades.

Nome da atividade	Organização dos alunos	Ação exigida do aluno para a realização
Matematizando.	Em grupos, organizados na sala de aula.	Resolver um cálculo matemático no menor tempo possível.
Quem escreve mais.	Em grupos, organizados na sala de aula.	Escrever o maior número de palavras corretas com determinadas letras, em certo tempo.
Este é par.	Em grupos, organizados na sala de aula.	Circular a maior quantidade de números pares em determinado tempo.
Quadrado e X.	Individual, em área delimitada na quadra poliesportiva.	Realizar deslocamentos em um quadrado com um X em cada ângulo de 90°.
Passeio maluco.	Em duplas, espalhados em área delimitada na quadra poliesportiva.	Conduzir o colega que está com os olhos vendados, através de toques/comandos frente, direita, etc.
O resgate.	Grupos, localizados em área delimitada na quadra poliesportiva.	Passar por área delimitada pisando só com um dos pés.
Jogo das cores.	Individual, espalhados em área delimitada na quadra poliesportiva.	Localizar e tocar a cor solicitada no menor tempo possível.
Batata quente.	Em círculo, sentados no centro da quadra poliesportiva.	Passar o objeto com as mãos ao som de um brinquedo cantado.
Comando de valer.	Em fileira, sobre linha reta na frente do professor.	Tocar parte do seu corpo de acordo com o comando do professor.
Contextualização.	Em círculo, sentados no centro da quadra poliesportiva ou sala de aula.	Relacionar elementos das atividades da aula com situações reais.

Fonte: elaboração própria.

Discussão

O dinamismo da Educação Física acompanhado pela sua mutabilidade histórica, resguarda a premissa de uma Educação Física contemporânea que consubstancia visões transformadoras de sua função no contexto escolar (CORREIA, 2014). Destarte do referido, as contestações funcionais da Educação Física consistem num desafio a ser superado pelo profissional de Educação Física no contexto dos anos iniciais. Para isso, pauta-se num aluno que não se reduz a apenas um corpo em sua dimensão biológica, pois este mesmo corpo possui interações culturais e sociais que interagem no processo de formação enquanto sujeito histórico.

Para Da Silva, Kunz e Sant'Agostino (2010), a transformação da Educação Física neste contexto devem levar em consideração a cultura infantil. Entende-se por cultura infantil o lúdico manifestado por meio da interação com os jogos e com as brincadeiras. Além disso, nessa concepção a Educação Física baseia-se num elemento denominado de território de relações comunicativas, ou

seja, no contexto da ação docente considerando que é “o ser humano que se movimenta, no nosso caso, a própria criança, e não o contrário, o movimento dela” (DA SILVA; KUNZ; SANT’AGOSTINO, 2010, p. 31). Em síntese, o público infante-juvenil também pensa e constrói saberes sobre a cultura corporal/movimento. Desse modo, o docente não pode se eximir de considerar a cultura infantil durante a intervenção, para tanto, os objetivos das aulas que se planejou não foram pautados apenas nos saberes docentes, mas também nos infantis.

Um dos desafios da área da Educação Física escolar está em conciliar estes dois tipos de saberes em uma mesma atividade. De um lado, ater-se somente aos interesses infantis acabam por desvirtuar o propósito pedagógico das atividades, fato que reduz a atuação docente unicamente em um momento de vivências recreativas, no qual é possível visualizar somente a cultura infantil na atividade, desviando-se dos propósitos pedagógicos de realização dela. De outro lado, ater-se somente aos interesses docentes fazem com que as atividades se tornem desinteressantes aos alunos desta faixa etária. Nesse sentido, são as relações comunicativas entre docente e discente de maneira simultânea que subsidiam objetivos mais efetivos para os jogos e as brincadeiras nas aulas de Educação Física.

Para Falcão *et al.* (2012), o conteúdo de jogos e brincadeiras reflete na promoção e ampliação universal de elementos motores e culturais dos alunos. Essa concepção se coaduna com a de Correia (2014), na qual se avista o aluno em diferentes dimensões. Portanto, a intervenção com o conteúdo de jogos e brincadeiras foi pensada de maneira a considerar elementos biológicos, culturais e sociais dos alunos e, tendo como alicerce das atividades a cultura infantil/lúdico.

Logo, foi embasado nestes princípios que a Educação Física se reconheceu de maneira interdisciplinar. De acordo com Lorena, Castro-Caneguiem e Carmo (2013), as habilidades numéricas precisam ser discutidas a partir da cultura da criança. Em outras palavras, devem ser ensinadas utilizando-se de atividades que estabeleçam sentido para elas. Além disso, evidenciam que as crianças por si só, já se utilizam de habilidades numéricas em suas brincadeiras.

Dessa forma, o conhecimento matemático é entendido pela criança como algo agradável e, que por via das vezes, é melhor compreendido quando se utilizam de estratégias adjuntas do jogo, do brinquedo e da brincadeira como artifícios de ensino. Assim opondo-se a atividades sistematizadas incorporadas à sala de aula. Isso acontece por quê as atividades sistematizadas não fazem sentido à cultura infantil, portanto, tornam-se desagradáveis para a criança, fato que reflete na aprendizagem aquém do esperado. A este respeito, salienta-se que a Educação Física contribuiu de maneira interdisciplinar como, por exemplo, no desenvolvimento da primeira aula deste trabalho (Quadro I), na qual evidenciam-se atividades com numerais, nas quais para a criança realiza-las, não precisou deixar de lado o lúdico, esse que foi mediado pelo brincar.

Nessa ótica, abordar-se-á um dos elementos básicos da psicomotricidade que é a lateralidade, este elemento influência na aprendizagem satisfatória da criança. Para Ferreira, Martinez e Ciasca (2010), este influxo na aprendizagem acontece devido a crianças com lateralidade cruzada encontrarem dificuldade de coordenar-se e, conseqüentemente, resultando na desorientação espacial como, por exemplo, escrever no lado contrário do caderno, isso posteriormente cria dificuldades para a criança realizar a leitura.

Diante do exposto, vamos de encontro ao estudo realizado por Lucena *et al.* (2010), no qual ressalta-se que, as dificuldades de orientação espaço-corporal se relacionam intimamente com a lateralidade cruzada resumida na discordância de lateralidade entre membros inferiores e superiores, sendo que o mesmo pode ocorrer entre o olho e os membros, favorecendo desordens psicomotoras.

Destarte do referido, ressalva-se que estas desordens psicomotoras corroboram para a desorientação espacial e, por conseguinte, proporcionam dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido, as atividades do “quadrado e X” (Quadro II) e “passeio maluco” (Quadro II) tiveram o propósito de ampliar noções de lateralidade e de orientação espacial dos alunos sem interferir na alteridade da cultura infantil. Em síntese, não privando a criança do brincar, pois os objetivos pedagógicos estão integrados nas próprias atividades, as quais se sintetizam num jogo ou numa

brincadeira.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível dialogar sobre outro elemento da psicomotricidade que é o equilíbrio. Esse elemento é determinante para realizar atividades que envolvem o movimento humano, sendo que as crianças com déficit de orientação gravitacional (equilíbrio) utilizam com maior frequência o apoio das mãos (FERREIRA; MARTINEZ; CIASCA, 2010). Esse déficit foi constatado na atividade intitulada “o resgate” (Quadro II), durante o desenvolvimento da segunda aula, na qual se requisitou o controle satisfatório da relação corpo-gravidade das crianças para que a atividade fosse concretizada.

Granacher *et al.* (2011), ressaltam por meio de estudo sobre a promoção de equilíbrio corporal de crianças que, o elemento de equilíbrio aprimorado na etapa escolar dos anos iniciais aumenta as possibilidades de exploração do ambiente por elas, e dialogam sobre a importância de atividades desenvolvidas pela Educação Física como iniciativas determinantes para apurar o controle corporal dos alunos.

A psicomotricidade com vistas a considerar a relação do desenvolvimento entre corpo e mente, também integra o elemento de esquema corporal, o qual refere-se ao reconhecimento das partes do corpo humano na sua constituição física. De acordo com Ferreira, Martinez e Ciasca (2010), os alunos desta faixa etária normalmente apresentam conhecimento aquém do esperado para o respectivo elemento, além de salientar que intervenções com intuito de suprir o referido conhecimento são fundamentais neste período. Nessa ótica, a atividade nomeada “comando de valer” (Quadro II) vislumbrou aprimorar o aprendizado do esquema corporal pelos alunos. Essa atividade viabiliza ao aluno a percepção dos diferentes segmentos corporais, a localização deles e, conseqüentemente, a associação do respectivo segmento com os seus referentes nomes.

Outro elemento a ser discutido, são as especificidades manifestadas pelas crianças evidenciadas durante a intervenção. Pois as crianças possuem características diferenciadas de manifestar seus interesses e desejos se comparados com os adolescentes e, até mesmo, com os

adultos (MELLO et al., 2014). Para Vygotsky *et al.* (2003), a criança tende a se manifestar mais pelo lado emotivo. Entende-se por lado emotivo, os aspectos comportamentais, dentre os principais o choro e a inquietude. Nesse sentido, é necessário que o profissional de Educação Física esteja apto a interpretar tais comportamentos, para que assim conduza o seu trabalho com maior perspicácia e, conseqüentemente, tornando a metodologia mais eficaz.

Além disso, salienta-se que, os comportamentos visualizados durante a intervenção estão relacionados a fatores de cunho cultural e social, os quais agem de maneira extraescolar no comportamento dos alunos. Uma das condutas identificadas foi a construção ideológica de propriedades do gênero. Tal ideologia ficou clara na atividade intitulada "jogo das cores" (Quadro II), pois ao ser selecionada a cor rosa, alguns meninos se recusavam a tocar na respectiva cor, justificando tal comportamento pelo fato de que, "rosa é uma cor de menina".

Ao aludir questões de gênero envolvendo crianças desta faixa etária, vamos de encontro ao estudo realizado por Kishimoto e Ono (2008), no qual dialogam sobre o processo de construção ideológica de gênero em uma brinquedoteca, pelo qual constataram que, atividades envolvendo acessórios com características rotuladas socialmente como femininas eram praticadas por meninos sem quaisquer receio entre as crianças e, inclusive, "retratando o prazer da experiência pelas crianças que brincam com tais acessórios" (KISHIMOTO; ONO, 2008, p. 216). Assim, a influência adulta extraescolar interage através de códigos sociais na criança, pois ela por si só, não é capaz de construir propriedades de gênero sobre determinada cor ou atividade.

Todavia, promover estratégias que visem a integração de gênero nas atividades propostas para esta faixa etária, tange um dos objetivos transversais das atividades, por mais que este objetivo se manifeste implicitamente nas descrições dos propósitos das aulas. Nessa ótica, abordar-se-á o estudo elaborado por Cordazzo e Vieira (2008), no qual vislumbram a integração de gênero em atividades realizadas no âmbito escolar, dentre as atividades, as realizadas pelo profissional de Educação Física. Contudo, acentua-se que o mediador destas ações precisa ter clareza de que

diferenças entre gênero não coincidem com discussões contemporâneas sobre o assunto.

Diante do exposto, frisamos que se resguardou uma parcela final de cada aula para refletir sobre os saberes nela mediados. Essa parcela foi preenchida com a atividade intitulada de “contextualização” (Quadro II), a qual englobou reflexões/indagações como: “a atividade da batata quente requer movimentos para ser realizada?”; “precisou de espaço para fazer a atividade do passeio maluco?”; dentre outras. Tais reflexões e indagações são relevantes tanto para o aprendizado satisfatório dos alunos, quanto para a avaliação do processo de ensino aprendizagem pelo profissional de Educação Física. Além disso, também vale frisar que é interessante relacionar elementos das estratégias utilizadas na aula com situação reais vivenciadas pelos alunos e próximas do contexto das crianças (FALCÃO et al., 2012).

Logo, se integra à atividade de “contextualização”, o intuito de verificar se foi possível atingir os objetivos pedagógicos traçados. Todavia, se os propósitos da aula não se efetivaram em sem por cento, significa que a parcela não atingida deve ser integrada à próxima intervenção, e como já salientado neste estudo, devem ser construídos tanto a partir dos saberes docentes, quanto dos saberes discentes.

Dentre os saberes docentes, destaca-se as funções pedagógicas inseridas nas atividades, dentre os saberes discentes utilizar-se-á do estudo realizado por Mello *et al.* (2014) para destacar que, a criança precisa ser entendida como sujeito histórico único, portanto, não são todas iguais, assim possuem necessidades educacionais diferentes, as quais devem ser consideradas na construção dos propósitos das aulas. Nesta direção, a atividade de “contextualização” contribuiu para identificar necessidades educacionais na turma, para que assim, a superação dessas sejam os propósitos das próximas intervenções.

Conclusão

A atuação do profissional de Educação Física nos anos iniciais não se resume a momentos de vivências recreativas. Para tanto, a intervenção inspirada no conteúdo de jogos brincadeiras contribuiu para a ampliação global do desenvolvimento dos alunos. Essa que se apresenta tanto de maneira interdisciplinar, quanto de maneira centrada na Educação Física através do sazonalidade de propriedades da psicomotricidade.

Também vale acentuar a importância da presença do profissional de Educação Física junto à etapa de ensino dos anos iniciais, para que assim possam se abster interpretações unicamente *recreacionistas* da disciplina de Educação Física neste contexto. Pois as aulas têm propósitos pedagógicos para serem cumpridos, os quais se mostraram eficientes à medida que foram alcançados, sendo que tal eficiência considerou constantemente as especificidades dos alunos, ou seja, a cultura lúdica infanto-juvenil.

Por fim, salienta-se que há necessidade de articular pesquisa e ensino na Educação Física. Logo, a mobilização de sistematizar intervenções como essa pode inspirar futuras mobilizações neste sentido, pois em meio as transformações históricas pelas quais a Educação Física transita, os anos iniciais do ensino fundamental é locus de discussão na área.

Referências

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 18, n. 59, p. 398–404, ago. 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretária de Educação Básica (SEB). **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2013.
- CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 365–373, 2008.
- CORREIA, Walter Roberto. Educação Física Escolar: desafiando a sua presumível imutabilidade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 28, n. 4, p. 691–700, dez. 2014.
- DA SILVA, Eliane Gomes; KUNZ, Elenor; SANT'AGOSTINO, Lucia Helena Ferraz. Children (physical) education: space of communicative relations. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v. 32, n. 2-4, p. 29–42, 2010.
- FALCÃO, Júlia Miranda et al. Saberes compartilhados no ensino de jogos e brincadeiras: maneiras/artes de fazer na Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 615–631, set. 2012.
- FARIA, Eliene Lopes. Quando “rola a bola”: reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 501–513, abr. 2014.
- FERREIRA, Tais de Lima; MARTINEZ, Amanda Bulbarelli; CIASCA, Sylvia Maria. Avaliação psicomotora de escolares do 1º

- ano do ensino fundamental. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, v. 27, n. 83, p. 223–235, 2010.
- GRANACHER, Urs et al. Can balance training promote balance and strength in prepubertal children?. **Journal of Strength and Conditioning Research**. Philadelphia, v. 25, n. 6, p. 1759–1766, jun. 2011.
- IRATI. Secretaria Municipal de Educação (SME). **Proposta curricular da rede municipal de ensino de Irati**. Irati, PR: SME, 2009.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedo e brincadeira na educação infantil japonesa: proposta curricular dos anos 90. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 18, n. 60, p. 64–88, dez. 1997.
- _____. Política de formação profissional para a educação infantil: Pedagogia e Normal Superior. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 20, n. 68, p. 61–79, dez. 1999.
- _____. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2008a.
- _____. O Jogo e a Educação Infantil. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 22, p. 105–128, 2008b.
- _____; ONO, Andréia Tiemi. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pro-Posições**. Campinas, v. 19, n. 3, p. 209–223, dez. 2008.
- _____; SANTOS, Maria Letícia Ribeiro dos; BASÍLIO, Dorli Ribeiro. Narrativas infantis: um estudo de caso em uma instituição infantil. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 33, n. 3, p. 427–444, dez. 2007.
- LORENA, Angela Bernardo de; CASTRO-CANEGUIM, Janaina de Fátima; CARMO, João dos Santos. Habilidades numéricas básicas: algumas contribuições da análise do comportamento. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 18, n. 3, p. 439–446, set. 2013.
- LUCENA, Neide Maria Gomes de et al. Lateralidade manual, ocular e dos membros inferiores e sua relação com déficit de organização espacial em escolares. **Estudos Econômicos**. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 3–11, mar. 2010.
- MELLO, André da Silva et al. Educação Física na educação infantil: produção de saberes no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 467–484, abr. 2014.
- STAVISKI, Gilmar; SURDI, Aguinaldo; KUNZ, Elenor. Sem tempo de ser criança: a pressa no contexto da educação de crianças e implicações nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 113–128, mar. 2013.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch et al. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.